

ALFABETIZAÇÃO LITERÁRIA: OS BEBÊS E SEUS MODOS DE LER

Cristina Maria Rosa, GELL, UFPel, Doutora em Educação.
Docente da área da Linguagem Literária na FaE/UFPel
cris@ufpel.tche.br

Renata Junqueira de Souza, CELLIJ, UNESP, Doutora em Letras
Docente da área de Leitura e Letramento Literário no PPGE /UNESP Presidente
Prudente-SP
recellij@gmail.com

Resumo: Tendo como objetivo apresentar resultados de pesquisas que vêm sendo desencadeadas em duas instituições – UNESP/Presidente Prudente/SP e UFPel/RS – no trabalho revelamos que bebês indicam ter “repertório literário” e que este pode ser observado em comportamentos espontâneos e adquiridos. Como fonte teórica para o diálogo com as descobertas que realizamos, pesquisadores para quem as práticas formadoras do leitor são definidas pelo conteúdo – o que ler – e pelos procedimentos ou “como” ler. No primeiro aspecto, Cademartori (2014), Machado (2002), Paulino (2014) e Zilberman (2005), concordam que o texto literário deve ser ponto de partida para a alfabetização literária. Com relação aos procedimentos, Tzvetan Todorov (2010) nos ensina que a principal função de um professor é iniciar os seus “nessa parte tão essencial de nossa existência que é o contato com a grande literatura” e que a escola deveria “ensinar os alunos a amar a literatura”. Como escolha metodológica, a coleta de informações em interações com bebês, os livros, suas mães, suas professoras e as pesquisadoras. Entre os primeiros resultados – embora cedo mencionar repertório quando se trata de bebês –, as atitudes destes em relação aos livros indicam se já foram apresentados a práticas culturais nas quais o livro é protagonista. Nas coletas realizadas tanto no interior de SP, como no RS observamos gestos, ritos e modos de ter contato com o livro mesmo quando o bebê indistingue o artefato cultural de qualquer outro objeto. Esses modos de manipular independem de sua idade cronológica e revelam o quão familiarizado o bebê está com livros e modos de ler. Em alguns casos, confunde o livro com um objeto qualquer, como um chocalho, bola ou uma boneca. O primeiro gesto que observamos foi tocar e bater sobre o livro. Ele busca sentir as dimensões do objeto. Logo depois, busca pegar e aproximar o livro de si e da boca – fonte conhecida

de sensações. Após bater, tocar, pegar e aproximar, o bebê leva o livro à boca, evidenciando que não conhece, não foi apresentado ao livro como objeto cultural. Pode também ocorrer de o bebê, ao “pegar de qualquer jeito”, ao tentar olhar e ou folhear, pode folhear de “trás para frente”, ou pegar várias páginas ao mesmo tempo. São indícios de que ao bebê ainda não foram disponibilizados os rudimentos do comportamento leitor, atitudes prévias e imprescindíveis para a alfabetização literária. Entre os bebês que já foram apresentados ao livro como objeto central da cultura escrita, as atitudes são diferentes e, de forma mais intensa, também manifestam seu repertório de informações sobre o livro, a leitura e a literatura. Entre as evidências do comportamento adquirido – quando o bebê indica perceber os ritos no trato com o livro – pudemos observar que o bebê costuma folhear e ajudar o adulto a folhear. Quando este está lendo, ouve com atenção. Se lhe é oportunizado, segura sozinho o livro, imitando a ação do adulto e, quando permitem, escolhe o que quer ler, abre, observa, fecha, troca, guarda. Eventualmente, reclama se o livro se fecha e comemora ter encontrado algo conhecido em alguma página ou capa. Ao apontar o livro ou imagens nele, indica ao adulto que o livro está danificado, responde a perguntas olhando e/ou apontando para imagens ou escritos, e balbucia, exclama, põe a mão na cabeça e “lê” em voz alta, com entonação. São alguns dos indícios de que o bebê conhece ritos esperados quando o objeto em interação é o livro. Percebemos ainda que alguns bebês estranham um livro desconhecido e o comparam, descartam, devolvem, se não querem a interação com aquele livro, por exemplo.

Palavras-Chave: literatura na primeiríssima infância; literatura infantil; repertório; formação do leitor literário.

Abstract: Aiming to present the research results that have been unveiled in two institutions - UNESP / Presidente Prudente / SP and UFPel / RS - in the work we reveal that babies indicate having "literary repertoire". This can be observed in spontaneous and acquired behaviors. As a theoretical source for the dialogue with the discoveries we make, researchers for whom, the practices of the reader are defined by content - what to read - and by procedures or "how" to read. In the first aspect, Cademartori (2014), Machado (2002), Paulino (2014) and Zilberman (2005) agree that the literary text should be the starting point for literary literacy. About procedures, Tzvetan Todorov

(2010) teaches us that the main function of a teacher is to initiate their "in such an essential part of our existence that it is the contact with great literature" and that the school should "teach students to love literature." As a methodological choice, we had the collection of information in interactions with infants, the books, their mothers, their teachers and the researchers. Among the first results - although early mentioning repertoire when it comes to babies -, their attitudes towards books indicate if they have already been presented to cultural practices in which the book is a protagonist. In the data collected in State of São Paulo and in Rio Grande do Sul we observed gestures, rites and ways of having contact with the book even when the baby indistinguish the cultural artifact of any other object. These modes of manipulation are independent of their chronological age and reveal how familiar the baby is with books and ways of reading. In some cases, it confuses the book with any object such as a rattle, ball or doll. The first gesture we observed was to touch and hit the book. It seeks to feel the dimensions of the object. Soon after, he seeks to pick up and bring the book close to himself and his mouth - a well-known source of sensations. After hitting, touching, picking up and approaching, the baby takes the book to his mouth, evidencing that he does not know, he was not presented to the book as a cultural object. It can also occur when the baby "picks it up", when trying to look and flip, can flip through "backwards" or pick up several pages at the same time. There are indications that the rudiments of reader behavior, prior and indispensable attitudes towards literary literacy have not yet been made available to the baby. Among infants who have been introduced to the book as the central object of written culture, attitudes are different and, more intensely, they also manifest their repertoire of information about books, reading and literature. Among the evidences of the behavior acquired - when the baby indicates to perceive the rites in the deal with the book - we could observe that the baby usually leafs and helps the adult to leaf through. When he is reading, he listens carefully. If the baby has the opportunity, he holds the book alone, imitating the action of the adult and, when he is allowed, he chooses whatever he reads, opens, observes, closes, exchanges, guards. Eventually, he complains if the book closes and celebrates having found something known on some page or cover. The babies pointing the book or pictures in it, they indicate to the adult if the book is damaged, they answer questions by looking and / or pointing to pictures or writing, and babble, exclaim, put their hand on their head and "reads" aloud with

intonation. These are some of the indications that the babies know the rites of reading when the object in interaction is the book. We also noticed that some babies wonder when they have an unknown book and compare it with others, discard it, give it back, if they do not want the interaction with that book, for example.

Keywords: Literature in early childhood; Children's literature; Repertoire; formation of the literary reader.

Introdução: A premência da *alfabetização literária* – processo deliberado, frequente e qualificado de *apresentação* da leitura, seus atributos e ritos à primeiríssima infância – justifica-se pela certeza de que essa é uma habilidade referencial à vida dos humanos em sociedade, qualifica o processo de aquisição da linguagem oral e insere as crianças pequenas na cultura escrita. Após contato com mães de recém-nascidos, construímos um acervo com imagens de *rudimentos do comportamento leitor* e, diante das evidências observadas, pudemos repertoriar relações e revelar que os modos de ter, ler e se portar com impressos diferem quando há omissão ou, o contrário, quando há planejamento das interações entre o bebê e a literatura.

Referencial teórico

Na primeiríssima infância a criança ainda não lê sozinha e é no processo deliberado de apresentação do livro e dos *ritos do ler* que ocorre a formação do leitor literário. E o contato com a “arte literária, objeto da leitura literária, tem seu espaço bem marcado em nossa sociedade” (Paulino, 2014, p. 177). Para tal, é imperativa a escolha criteriosa de livros e a integração dos bebês ao comportamento leitor, uma vez que são inteligentes, competentes e possuem grande curiosidade e interesse em conhecer. Nesse tempo – os primeiros meses da vida – a leitura deve ser um investimento do adulto que “vai dando sentido” às páginas com sua “presença e sua voz” (Reyes, 2014, p. 213). Na cultura escrita, a literatura, “por ser expressão máxima da arte de pensar e escrever”, é que oportuniza “conhecer e refletir sobre o mundo e as pessoas, de forma livre”, favorecendo o “desenvolvimento da crítica e da criação” (Elizabeth Serra, 2015). De acordo com Machado (2002, p. 17), é uma “pena e um desperdício” ignorar o “imenso patrimônio” de “obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos”.

Preponderante na primeira infância, a *alfabetização literária* é a atitude mais impactante a ser fruída na escola e, para tal, a mediação literária – trabalho intencional e

qualificado do adulto – é insubstituível. De acordo com Cardoso (2014, p. 212), a mediação literária ultrapassa a “ação restrita de ler para que as crianças se relacionem com livros”. Ao escolher “por que ler” e “como ler”, o mais experiente apresenta as “várias dimensões” de um texto: sua “materialidade gráfica”, as “escolhas textuais, os personagens, o tipo de narrador, o vocabulário, os marcadores temporais”, entre outros tantos aspectos da escrita literária. Ao produzir “consciência das propriedades implícitas da linguagem”, o mediador convida crianças ao “universo letrado desde a primeira infância” e oferta contato com a “experiência humana”, a “realidade que a literatura aspira compreender”, nas palavras de Todorov (2012, p.77). O consenso teórico encontrado em Cademartori (2014), Cardoso (2014), Machado (2002), Paulino (2014), Reyes (2014), Todorov (2010) e Zilberman (2005), entre outros, é que a arte literária é um legado humano que deve ser compartilhado com os pequenos.

A primeiríssima infância

Composta por bebês recém-nascidos até que completem trinta e seis meses, o que caracteriza a primeiríssima infância é a necessidade de cuidados sem os quais não sobrevivem. Nesse tempo, os bebês precisam aprender a pensar, falar e andar, as três maiores habilidades da espécie. Ao ouvir e perceber as ações e reações dos adultos aos seus primeiros sinais de comunicação, a criança é apresentada ao processo mais bem-acabado de adaptação: o pensamento e a linguagem. Nesse transcurso, os *experientes* funcionam como espelho. É o adulto – mãe, professora, pediatra – que tem a chave de acesso ao conhecimento (o que é falar/o que é calar), do tempo (quando falar/quando calar), do espaço (onde falar/calar) e causalidade (por que e para que falar/calar). O conceito de infância e de literatura, no entanto, é crucial neste momento.

Conceitos instáveis, que variam em diferentes épocas e culturas, criança e infância nem sempre foram protagonistas da produção livreira e esta, raras vezes, foi considerada “arte literária”. Em busca de um conceito¹, Peter Hunt (2010) apresenta um “estado da arte” na obra *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, comprometendo-se a pensar sobre a infância e os livros para ela:

¹ Nas palavras de Hunt (2010, p. 96): “A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças”. Esse modo de pensar possibilita agregar a ideia de que livros infantis seriam apenas os “essencialmente contemporâneos” uma vez que os “conceitos de infância mudam tão depressa” que um livro “envelheceria” junto com a geração para a qual foi criado.

Em suma, a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja. Assim, devemos ser muito cautelosos acerca do descompasso entre as interpretações de um livro feitas quando este é publicado e as interpretações realizadas em outros períodos, com contextos sociais diferentes (HUNT, 2010, p. 94-95).

Se a literatura infantil ou o livro para crianças pode ser definido a partir do “leitor implícito” – um “leitor em formação e com vivências limitadas por força da idade” (CADERMATORI, 2014, p. 199) – como apresentar a arte literária aos pequenos?

Objetivos e procedimentos da investigação

A curiosidade que deu origem à pesquisa foi saber se e como crianças pequenas se relacionam com o livro quando não há interferência do adulto. Para tal, engendramos modos de evidenciar o processo de aquisição do *gostar de ler* e, ao observar comportamentos espontâneos de bebês com o livro, os percebemos reveladores de diferenciadas noções – adultas – de interação, livro, literatura e inteligência infantil.

Os procedimentos metodológicos partiram do contato com uma futura mãe e, logo que os primeiros resultados foram sendo publicizados, outras se interessaram, dirigindo nosso olhar para um grupo maior e mais plural de bebês e seus livros. Buscávamos observar e registrar os *rudimentos do comportamento leitor*, ou seja, as primeiras ações e noções do bebê no trato com o livro. A partir das primeiras evidências imagéticas produzidas, oportunizaram elencar um rol de *atitudes* espontâneas – apresentadas por bebês com pouca ou nenhuma intimidade com o artefato cultural – e atitudes adquiridas, demonstradas através de repertório literário, ritos que caracterizam a leitura e predileções, confirmadas pela presença de acervos, modos e tempos de contato com a leitura, especialmente em casa.

Ritos da investigação

A elaboração de um *termo de consentimento livre e esclarecido*, assinado pelos responsáveis, foi o primeiro procedimento na investigação. O segundo, a invenção de um *roteiro imagético* para observar o bebê manipular espontaneamente o livro e como a mãe o oferece a ele. Complementado com a imagem do bebê no colo da pesquisadora que lhe apresenta o livro, a última *permanência* intenciona registrar um *modelo de mediação* literária. As imagens selecionadas a partir do *roteiro imagético* deram início

ao *diário de campo*, complementado com apontamentos sobre a biografia do bebê, fotos, filmes e informações enviadas por familiares. Uma entrevista com as mães – mais um dos procedimentos adotados – foi realizada em setembro de 2017 por meio digital. Nela, a compilação do repertório oral, musical e literário do bebê, vínculo com a escola, acervo atitudinal² e conhecimento de mídias. Complementam o ciclo de produção de saberes a relação e análise das informações, a produção escrita e a comunicação de resultados em eventos.

Pesquisa em andamento, os resultados são parciais e temporários. No entanto, a adoção de práticas de acesso ao livro e fruição da arte literária entre os familiares dos bebês após o primeiro contato foi observável: mães e avós, preponderantemente, lançaram-se na busca por momentos de leitura com seus pequenos, não raro investindo-os de poder ao “ler para”: os irmãos, a avó, uma visita.

As crianças da pesquisa: Desenvolvimento

Desde maio de 2015 acompanhamos *Júlia*, a bebê que representa o marco inicial da pesquisa. Para ela, foi pensado um roteiro de apresentação do livro e da leitura, com indicações do que, quando e como ler, além de frequência e protagonismo adulto na oferta do artefato cultural, interação posterior e planejamento de futuro. Depois de iniciada a coleta com a *Júlia*, outros quatorze bebês foram incorporados à pesquisa, compondo um grupo de quinze famílias interlocutoras. No grupo, apenas dois realizaram seu primeiro contato com o livro durante a pesquisa: *Bia*, aos cinco meses e *Rafael*, aos três meses. Por isso, serão descritos mais densamente.

Bia e sua mãe: novas leitoras

Bia nasceu em 17 de fevereiro de 2016. Filha de pais bem jovens – na época, a mãe tinha dezenove e o pai dezoito anos – aos quatro meses nunca tivera contato com livros. Marcada a primeira visita, *Maneco Caneco Chapéu de funil*, de Luis Camargo, foi o presente e o motivo da interação documentada.

No colo da mãe e depois, no sofá da sala, Bia demonstrou não mais depender de um adulto para manter-se sentada e manipular o livro. Ao recebê-lo, movimentando-se com muita alegria, bateu nele com as duas mãos, como em um tambor. Instada a

² Intenciona saber se e quando o bebê conteve o livro sozinho, conseguiu folhear as páginas, ajudou a sustentar o livro com as mãos e tentou folhear enquanto alguém lia para ele. Busca averiguar se balbucia ou finge ler em voz alta enquanto folheia, se aponta o dedo para alguma imagem, pede para ler novamente ou reclama quando a página é virada ou o livro é fechado. Escolhas e preferências – se o bebê indica gostar mais de determinado livro ou música – também foi investigado.

interagir com o livro, a pensar sobre o que era aquele objeto, tateou até conseguir segurá-lo e logo buscou uma face menor – um cantinho – e levou-o à boca.

Em busca da segunda imagem para o *banco de permanências* da pesquisa, posicionamos a Bia no colo da mãe, que tentou abrir o livro e folheá-lo a sua frente, Bia buscava tocá-lo, agarrá-lo e colocá-lo na boca. Amassou-o, nessa tentativa. A partir disso, a mãe manteve a atitude de tentar ler e folhear, afastando-o dela a cada vez que o “risco” de amassar e por na boca, se rerepresentava. No colo da pesquisadora, logo depois, as primeiras interações da Bia com os modos de portar, folhear, observar, ouvir, sorver, fruir o livro. Ela não mais tenta levar o livro à boca: observa a leitora, escuta sua voz, ajuda a sustentar o livro com uma das mãos. E focaliza a capa e personagens, o movimento das páginas sendo folheadas. Os bracinhos se alongam para pegar o livro, as mãozinhas o tocam e um dedinho se destaca dos demais, apontando pela primeira vez. Nesse dia, reflexões acerca do ocorrido indicaram a preponderância do papel do mediador.

Às vésperas de completar um ano, em mais um contato de pesquisa, Bia indicou ter se apropriado de outros dois livros – *Auau* e *Bailarinas e Fadas Encantadas*, sendo este o preferido, segundo a mãe. Já caminhava e lidava com desenvoltura com ritos da leitura como segurar, abrir, folhear, apontar. Nesse dia, o livro para a interação foi *Lulu*, de Fabrício Carpinejar. Durante a coleta de imagens, apresentou-se como uma leitora: observou, conteve, abriu, folheou o livro quando sozinha; ajudou a folhear, apontou detalhes e ajudou a fechar, quando no colo da mãe; ouviu, observou-me lendo, apontou, indicou imagens quando perguntada, observou detalhes, fechou e abriu várias vezes o livro, quando no meu colo. Depois, Bia apresentou seus livros, escolhendo um deles para “ler” para sua mãe. Nesse dia, compreendemos a relevância e a abrangência do trabalho de formação do adulto que educa o bebê.

Em setembro de 2017 – quando Bia tinha um ano e sete meses – seu repertório oral compreensível era composto por trinta e cinco palavras, duas delas – *auau* e *fô* (flor) – advindas dos livros, de acordo com a mãe, que anunciou tentativas de “falar qualquer palavra que acha interessante”, conseguindo, quase sempre, emitir apenas “a última ou a primeira sílaba”. Apresentada ao celular com poucos meses, ela gosta e pede para usar e, quando o encontra, “começa a dançar” e entrega-o à mãe para que esta

selecione “desenhos de música”. Um pouco antes de setembro, “começou a ver desenhos sem música” e só assiste TV “quando toca alguma música”.

A Bia é cuidada pela mãe que sempre gostou muito de ler e tem vários livros. Com o nascimento da menina e a decisão de cuidá-la, a mãe viu escassear o tempo que dedicava à leitura: “Agora, com a Bia, fica mais difícil ler um livro”. Com “tempo disponível para ler com ela”, pois, atualmente, não estuda nem trabalha, a mãe disse que “sempre que ela pede”, lê para a pequena “os livros dela”. Já o pai “não gosta muito de leituras, mas, quando Bia pede, ele lê para ela”.

Na sala da casa há um móvel onde ficam disponíveis “os livros na altura dela, para que possa pegar e ler quando quiser”. De acordo com a mãe, a menina “pega o livro sozinha, folheia as páginas e, se são muito finas, pega várias juntas”. Outra observação da mãe é que Bia “aponta e fala nome dos elementos que conhece” no livro. Além disso, “pede para ler novamente e reclama quando acaba”, abrindo e “lendo” várias vezes o mesmo.

Na interação ocorrida em 14 de setembro, presenteei Bia com *Assim Assado*, um livro de Eva Furnari para leitores iniciantes. A desenvoltura da bebê – com apenas dezenove meses de vida – é impressionante: contém o livro, abre e fecha, folheia e observa, aponta personagens, encontra detalhes, ouve com atenção a leitura, ri e se diverte com os incríveis personagens.

A evidência mais marcante do traquejo de Bia com o artefato, porém, ocorreu quando, em meu colo, foi convidada a mostrar à mãe, afastada uns três metros e nos fotografando, uma das personagens do livro. Ela não teve dúvidas: sozinha, inverteu o livro e apresentou o miolo à mãe. Depois, para confirmar que acertara, mantendo-o aberto na direção da mãe, espiou sobre o meio do livro.

Nesse dia também, Bia usufruiu, em um intervalo de 25 minutos, de quatro *modos de ler* seu novo livro: sozinha, tirou-o da embalagem, sorriu ao descobrir que era um livro, explorou sua capa e consistência e logo folheou aleatoriamente suas páginas. O segundo *modo de ler* foi lado a lado com a mãe, ambas sentadas no sofá da casa. Ela abriu o livro e folheou-o fazendo algumas observações a respeito das imagens e perguntando à Bia se estava observando e gostando. Em meu colo, para o qual veio sem nenhuma resistência, Bia posicionou-se para ouvir. Recolheu os bracinhos e se aninhou para escutar atentamente a leitura do texto, escrito em frases curtas e rimadas. Comigo,

pode observar e comparar a aparência dos personagens, em situações engraçadas e descritos a cada duas páginas. Ao final, ela e a mãe, juntas, procuraram e reencontraram personagens que Bia considerou mais interessantes: o leão escabelado, o sapo verde e sua namorada e a velhota nariguda.

Rafael, a mãe e a irmãzinha: leitores

Rafael nasceu em 13 de junho de 2016 e foi apresentado ao livro literário em outubro, uns dias antes de completar quatro meses, quando do primeiro contato com a pesquisadora. Na ocasião, ele surpreendeu a todos, pois prestou muita atenção ao que lhe era mostrado nos livros escolhidos nas estantes da livraria em que ocorreu a interação. Sentado no colo da mãe e depois, no colo da pesquisadora, pois ainda não se mantinha sozinho, indicou interesse, capacidade de visualizar e tentou tocar e segurar os livros durante os minutos em que foi exposto aos dois livros. Um deles, em material resistente, cartonado, possuía uma cavidade atravessando as páginas o que possibilitou que o bebê o segurasse com a mãozinha esquerda. Era sua primeira experiência tocando e segurando a página de um livro. Em várias das imagens produzidas esse dia, suas mãos estão sobre o livro e o pequeno saiu do encontro “balbuciando”, informou a mãe.

Nos primeiros dias de novembro, a mãe enviou fotos e um pequeno filme em que Rafael está sendo apresentado a *Assim Assado*, de Eva Furnari. No colo da mãe, parece querer dar “um mergulho” nas imagens, e gesticula intensamente, com braços e pernas em busca de um contato com as páginas. Uma ou duas vezes, tenta aproximar o livro da boca, que está aberta, esperando. Tenta caçar as páginas, com golpes de mãos e, nessas ocasiões, saliva e passa a língua pelos lábios. Contido pela mãe que o aninha em seus braços, afasta um pouquinho o livro e permanece lendo, ele mexe os bracinhos tentando alcançar, tatear o livro. Com um movimento certo, insere uma das mãos entre páginas iniciais e consegue folhear um grupo delas, fazendo a mãe sorrir de proeza. Gabriela, a maninha, interfere, devolvendo as páginas viradas e fazendo a mãe retomar a leitura interrompida. Com os dois braços livres, Rafael acompanha as indicações da mãe que aponta com o dedo algumas imagens, e, mais sossegado, toca as páginas, mas não amassa nem coloca na boca. As imagens produzidas nessa interação entre o bebê, a mãe e a irmã – uma criança pequena que se apresenta leitora experiente, neste pequeno filme – sugere que a leitura pode ser usufruída por leitores de diferenciados graus.

Rafael é fotografado contendo um livro sozinho – em frente a si e sobre uma superfície – nos primeiros dias de fevereiro. Inicialmente nas mãos da irmã – que lia *CHUÁÁÁ*, da coleção *Meu mundo de descobertas* – o bebê se interessa e invade, com os braços, o espaço entre os olhos da menina e o livro. Depois de pequena disputa, o captura para si e o abre, a sua frente, com uma mão em cada página, no ar, mostrando autonomia e desenvoltura. Depois, para observar as páginas, precisa passar as mãos sobre as imagens. Então, coloca-o sobre o sofá no qual está sentado e as toca, com as palmas. Ele tem apenas oito meses.

Os pais – a mãe tem 34 e o pai 49 anos, ensino superior e ambos trabalham – informaram dispor de tempo para ler com o bebê, pois estão “diariamente em contato com os livros, estudando”. Rafael “já tem sua biblioteca”, e “procura seus livros”, disse a mãe, pois estes “estão ao seu alcance”, propondo a leitura destes aos pais. Segundo filho da família, o menino é convidado, eventualmente, a ler com e para a irmã, que também tem sua biblioteca e ama ouvir histórias, ler e reler seu acervo. Juntos, os dois partilham momentos de trocas, brincadeiras e carinhos e, em alguns casos, a leitura ou os livros, são motivo para disputas.

Com um ano e dois meses, Rafael começou a frequentar a escola infantil. A escolha se deu pela indicação de outros pais e por ser próxima da escola da irmã. A mãe acessa o roteiro do que ocorre lá e pode acompanhá-lo por câmeras. Além de cuidar dos bebês, a professora, uma vez por semana, lê para as crianças. Os pais pretendem que ele aprenda idiomas, mas, atualmente, a escola não oferta.

Em setembro, após a pesquisa respondida pela mãe, descobrimos que Rafael já sustenta livros e consegue folhear suas páginas. Ele balbucia ou finge ler em voz alta enquanto folheia e, “inclusive, lê para a irmã”, que tem quatro anos. Quando a mãe lê para ele, ajuda a sustentar o livro com as mãos e “faz questão de dar ritmo à leitura, folheando as páginas”. Além disso, a mãe relatou que o pequeno “aponta o dedo para as imagens”, “pede para ler novamente” e “reclama quando queremos demorar mais na página e ele quer avançar”. Disse que o bebê gosta de todos os livros que tem, mas “escolhe alguns, que entendo serem seus preferidos”.

O repertório oral do pequeno Rafael é composto pelas palavras *babá*, *auau* e *tete* (leite). Ele ainda não canta, “mas adora música e gesticula para ouvir pintinho amarelinho”. Segundo os pais, Rafael é “muito musical” e eles lhe ofertam um

repertório variado, no qual há *Palavra Cantada*, *Tiquequê*, Grupo Triii e *Galinha Pintadinha*. Quando esses grupos são projetados na TV da sala, “todos ouvem, dançam, cantam”. O bebê não canta junto, mas “dança e gosta”, em especial, de “*Pintinho Amarelinho*”.

Quanto aos eletrônicos, a mãe disse que foi “inevitável” o contato, uma vez que “ele nos vê com telefone e assiste à TV”. No entanto, não usam “o celular ou computador para entretê-lo”. Disse ainda, que Rafael não expressa interesse pelos aparelhos e os pais não o incentivam a usar. Na TV, que fica ligada na sala, a programação é “exclusivamente infantil”, mas ela não é usada como “sossega criança”. Ele “assiste alguns instantes os desenhos que mais gosta e logo sai a brincar”. A irmãzinha do bebê tem um *Tablet* e, nele, assiste desenhos e filmes no *Youtube*. Rafael ainda não.

Resultados de pesquisa

Na captura de imagens dos dezesseis bebês que estão sendo acompanhados na pesquisa desde 2015, encontrei evidências de comportamento espontâneo – que intitulei *marco zero* da pesquisa, quando da não presença do livro como artefato cultural na primeiríssima infância – e múltiplas e interessantes demonstrações de comportamento adquirido, os modos de se relacionar com os impressos que indicam interferência de adultos com seus filhos ou netos.

Em maior quantidade e repleta de imagens incríveis de diferenciados modos de ter, ler e fruir a arte literária em família, o comportamento adquirido indicou que sim, as mãe e avós, preponderantemente, investem nos seus disponibilizando o capital cultural que possuem acerca da leitura e literatura e, se orientadas, mudam o curso, imediatamente.

Em apenas dois casos, tive o privilégio de conhecer e inserir bebês no *gostar de livros* que me foi ensinado em menina. Parte dessa descoberta se deve à idade cronológica dos bebês – três e quatro meses – e, parte, pelas concepções dos adultos que os cercam, que imaginaram ser *muito cedo* para apresentá-los aos livros. Priorizei, nesse artigo, os dois casos – a Bia e o Rafael – convencida de que descrevê-los, seria um desafio e considerá-los, uma instigante descoberta. E o que pude perceber?

Primeiro, a indistinção do artefato cultural de qualquer outro objeto: ao bater no livro, tatear, buscar uma forma de pegá-lo e pô-lo na boca, experimentando seu sabor,

os dois bebês indicam não saber qual sua função na cultura escrita. Sem motricidade fina, crianças na primeiríssima infância ainda não sabem folhear e, nas tentativas, várias páginas ao mesmo tempo são enviadas para frente ou para trás. Ao pegar de qualquer jeito, sacudir, virar, ver de trás para frente, bebês costumam avariar o impresso, amassando, sujando e mesmo rasgando-o. Não raro, os pequenos descartam esse objeto inadequado e sem gosto, abandonando-o entre os demais brinquedos.

O comportamento do bebê se transforma apenas com a interferência de um adulto: em ambos os casos, após a manipulação do livro com os filhos no colo é que teve início o processo de aquisição de um rudimentar comportamento leitor. As primeiras imagens capturadas após essa intervenção – em que aparecem tocando, tentando folhear, ouvindo, observando, apontando – deram início, para a Bia e o Rafael, mas, também para suas mães, de novas possibilidades. Nesses dias de tempos e espaços para o livro, nasceram dois novos leitores em cada uma das casas: a Bia e sua mãe, o Rafael e a sua. Na nova condição – mediadoras – elas foram preponderantes.

A mãe da Bia providenciou livros, um local para que a menina os acessasse facilmente e leitura para ela e em voz alta, após a primeira coleta de dados, ocorrida aos cinco meses. Bia aprendeu e demonstrou o “investimento” escolhendo um livro entre outros, sentando-se com autonomia, folheando as páginas e balbuciando como leitora em frente à pesquisadora, já aos onze meses. Rafael, por sua vez, em um crescendo desde os três meses quando foi apresentado ao livro em uma livraria, indicou interesse, alegria e traquejo com os livros, sendo esses tão importantes e reconhecidos em família que ele, mais de uma vez, disputou com a irmã sua posse e, depois, indicou saber conter, folhear e inventou-se leitor. Os dois bebês contaram com a família – as mães, predominantemente – para conhecer o livro, seu rito e a arte literária. É a primeira mediação, “decisiva na relação que a criança irá estabelecer com a literatura infantil” (Cadermatori, 2014, p. 199), pois cabe a ele “escolher o livro, promover sua leitura e conversar a respeito”.

Ao observar os percursos dos dois bebês, pode-se traçar, com segurança, um modo de inserir bebês ainda bem pequenos no trato com o livro e a leitura e perceber que, apesar das diferenças – nesses casos profundas – na renda e escolaridade dos pais, a presença de um tempo dos adultos para com seus bebês, de alguns livros e do saber

que crianças na primeiríssima infância são capazes, produz similitudes no aceso e fruição à arte literária.

Entre os tópicos para pensar a partir dos resultados, o conceito de infância que nós, adultos, disponibilizamos. Durante a pesquisa e posteriormente, ao comunicar seus resultados, percebi que alguns pais, editores, professores, tios, avós, livreiros, têm certeza que criança não pensa. Por isso, escolhem para eles livros de apertar, morder, babar, lambar e amassar. Ou seja, escolhem um brinquedo e não um livro. Diante dessas evidências e do que as crianças fazem com os artefatos que lhes são oferecidos, pude concluir que o “engano” é conceitual, ou seja, as certezas que praticamos acerca da infância, da inteligência, da aquisição de saberes – neste caso envolvendo o livro e o adulto – são resistentes e originam comportamentos e desencadeiam atitudes que subvertem possibilidades de formação do leitor na primeiríssima infância.

Ao observar bebês, livros e mães, percebi que estas e os demais familiares que interagem com o intuito de educar crianças pequenas, ainda resistem em admitir que qualquer criança, desde o nascimento, é inteligente e educável. Isso significa saber que seu cérebro é plástico, que a quantidade de conexões cerebrais é infinita e que os seres humanos podem surpreender desde muito cedo. Assim, intervir o mais cedo possível, apresentando o livro e as atitudes necessárias para conhecê-lo com intimidade, é significativamente mais eficaz do que postergar a ação. Ler não é lambar, cheirar, comer, amassar, rasgar plástico ou papel colorido. Ler é integrar a humanidade, como um exemplar da espécie que se emociona: por palavras e pelo que elas evocam.

Ao categorizar um repertório de informações sobre o livro, a leitura e a mediação literária durante a pesquisa com os dezesseis pequenos, percebi que na disponibilização do contato com obras há omissão cultural, ou seja, parte considerável dos adultos não apresenta, não indica, não lê, não mostra como ler às crianças. Alguns por ignorância, outros por subestimá-los. Observei que adultos “misturam” livros entre brinquedos, sem discriminação, imaginando que a curiosidade é educadora do gosto. Observei, também, nas famílias que pude conhecer e venho acompanhando, planejamento nas interações entre o bebê e a literatura. Nesses casos, o livro não é um brinquedo e, por isso, há modos de acessá-lo, abri-lo, folheá-lo, preservá-lo, uma vez que representa a cultura escrita revelando informações preciosas, sons e tramas, personagens e mistérios, palavras e encantamentos.

Entre os resultados, também, a reinvenção da pesquisadora, uma curiosa e deliberada mediadora na arte de ensinar a gostar de ler. Ver o crescimento intelectual dos bebês está sendo um emocionante encontro com a primeira infância do meu filho, hoje um voraz leitor que, em pequeno, no meu colo, aprendeu a amar os livros.

Considerações Finais

O desconhecimento dos *modos de ler* assim como os *rudimentos do comportamento leitor* de meninas e meninos bem pequenos podem ser evidenciados desde os primeiros meses de vida. Desenvoltos no trato com o livro, os pequenos que foram iniciados pela literatura, imitam adultos e se inventam leitores: ficam em pé e tentam ler em voz alta para os demais, exigem silêncio, cruzam perninhas, escoram a cabeça com as mãos. Quando o interlocutor os questiona, indicam cenas ou personagens, nomeiam quantidades, revelam desfechos. Ao retirar livros de uma estante, o recolocam, ao fim da leitura, anunciando cuidado e guarda. Ritos e modos aprendidos de ter, ler e fruir a leitura.

Entre as descobertas, uma bem importante: contrariando pesquisas que relacionam renda familiar e cultura letrada, pude perceber que não é a posse de capital financeiro que define o trato com o livro e, sim, o conceito de infância, de literatura e de educação que os maduros possuem e colocam em circulação no ambiente familiar e público. Esses saberes indicam e definem como, quando e com que frequência o bebê entrará em contato com a fruição literária e com as demais práticas de leitura existentes. Se, em longo prazo, as diferenças entre ter – livros, interações, tempo e espaços adequados – e saber o sabor se expressarão mais contundentemente, a pesquisa ainda não oferece dados para tal.

Relacionamentos afetuosos e estáveis são essenciais para o desenvolvimento saudável e, no caso do livro e da leitura literária, a base para uma longa e feliz convivência inicia no colo dos adultos que cercam a criança: são estes que selecionam os livros que ouvirá, tocará, amará pela primeira vez. Ao experimentar linguagens, sonoridades, imagens, o bebê é convidado a partilhar da cultura. Educado o gosto, desejará repetir o experimento até tornar-se experiência: uma imprescindível viagem para o mais profundo humano que há em nós.

Referências

- ANTUNES, Celso. A leitura como paixão – Como estimular a leitura infantil. São Paulo: Editora IMEPH, 2011
- BAGNO, Marcos. Linguagem. Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- CARDOSO, B. Mediação literária na Educação Infantil. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- HUNT, P. Crítica, Teoria e Literatura Infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- MACHADO, A. M. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. São Paulo: Objetiva, 2002.
- PAULINO, G. Leitura Literária. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- REYES, Y. Mediadores de leitura. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- ROSA, C. M. Alfabetização literária de bebês: olhar, escutar, folhear, ler. ANAIS do 7º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil. Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.slij.com.br/7-SLIJ-2016-Anais.pdf>
- ROSA, C. M. Alfabetização Literária. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/06/alfabetizacao-literaria-o-que-e.html>
- ROSA, C. M. Rudimentos de um comportamento leitor. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/07/rudimentos-de-um-comportamento-leitor.html>
- SERRA, Elizabeth. Literatura nas escolas públicas: conquista da Educação que não deve ser interrompida. Carta. FNLIJ, 2015. Disponível em: <http://biblioo.cartacapital.com.br/fnlij-sai-em-defesa-do-programa-nacional-biblioteca-na-escola/>
- SOUZA, R. J. Atos embrionários de leitura: estratégias para educação literária com bebês. Projeto de Pesquisa. São Paulo: UESP, 2016.
- TODOROV, T. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2012.
- TODOROV, T. Literatura não é teoria, é paixão. Entrevista. São Paulo: Abril, 2010. (Revista Bravo, fevereiro de 2010, p. 38-39).

ZILBERMAN. R. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.